

OS NOVOS RUMOS DA VITIVINICULTURA NO RIO GRANDE DO SUL

Anete Jalfim*

Marinês Zandavali Grando**

No presente artigo, tentamos esboçar as novas tendências do setor vitivinicultor. A dinâmica das transformações desse setor no que se refere às produções industrial e agrícola faz parte de um mesmo processo histórico. No entanto, para efeito de exposição, dividiremos o trabalho em duas partes: a primeira tratará das transformações da produção vinícola, e a segunda, das mudanças ocorridas a nível da produção agrícola.

1 – A indústria vinícola redefine seu perfil

A partir da segunda metade da década de 70, verifica-se, no mercado, o surgimento de produtos vinícolas novos, diferenciados – de melhor qualidade, mais sofisticados e mais caros –, destinados a consumidores de médias e altas rendas.

Que fatores teriam originado essa modificação significativa no perfil tradicional da oferta, a ponto de ela representar, já nos anos 80, uma nova tendência do setor vinícola do Rio Grande do Sul, com novos mercados e novos produtos?

A indústria vinícola do Rio Grande do Sul não apresentou, desde os anos 30 até a década de 60, profundas alterações nos aspectos técnicos da produção; o seu baixo padrão tecnológico, aliado a uma matéria-prima proveniente de cepas híbridas e americanas¹, dava origem a um produto fi-

* Socióloga da FEE.

** Economista da FEE.

As autoras agradecem ao Economista Flávio Pompermayer pelas sugestões recebidas no decorrer da elaboração deste texto e à estudante de Sociologia Elaine Losch pela colaboração no tratamento dos dados estatísticos.

¹ Segundo a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), no Brasil, as **videiras americanas** são predominantes em área cultivada. "São mais fáceis de cultivar por sua maior rusticidade e resistência às doenças e pragas, além de tolerarem melhor as condições de clima com alta umidade relativa, produzem uvas de qualidade inferior para a vinificação"; as **videiras híbridas** "(...) são cultivares provenientes de cruzamentos e que, de maneira geral, apresentam maior resistência às moléstias e pragas do que as viníferas, tendo qualidade pouco superior às americanas para vinificação" (EMBRAPA, 1986, p.8). Ambas dão origem ao vinho comum.

nal de qualidade, no máximo, mediana, considerando-se os padrões internacionais. Essa situação começa a modificar-se nos anos 70, com o aparecimento de vinhos varietais² no mercado, ao lado dos tradicionais vinhos comuns.

Podemos considerar que a nova tendência da indústria de vinho no Rio Grande do Sul está inserida no movimento das indústrias agroalimentares a nível internacional. Raul Green³ (1989), em seu trabalho **La Evolución de la Economía Internacional y la Estrategia de las Multinacionales Alimentares**, conclui que, para fazer face à crise dos anos 70, as grandes empresas multinacionais investiram na pesquisa, na inovação do produto, na modernização da gestão e na redução dos custos salariais; junto com essas mudanças, tais empresas aumentaram seus investimentos externos, buscando localizar-se em mercados que possuíssem alta liquidez e em produtos com valores agregados mais elevados.

As indústrias agroalimentares inscrevem-se nesse processo de reestruturação, participando de grandes operações de crescimento externo e tendendo a se especializarem em produtos de maior qualidade e diferenciados pela criação de marcas que expressam prestígio social, cuja comercialização leva a lucros mais substanciais. Ou, para usar as próprias palavras de Raul Green:

"Esta política industrial baseada na qualidade e na diferenciação levou à estruturação de um mercado de oferta alimentar diferenciado e hierarquizado. Em cada ramo dos produtos alimentares aparecem, assim, os produtos de marca bem diferenciados pela publicidade, de maior qualidade e mais caros" (Green, 1989, p.21).

A nova orientação do setor agroalimentar reflete-se na indústria vinícola do Rio Grande do Sul através do ingresso dos grupos transnacionais no setor. Dois fatores foram básicos para que esse processo de abrangência internacional se viabilizasse em termos regionais: o crescimento econômico dos anos 70, que ampliou o poder aquisitivo das camadas médias urbanas, possibilitando a criação de um mercado consumidor de vinhos varietais, seja em substituição ao consumo de produtos importados, seja

² Os vinhos varietais são provenientes de **videiras viníferas**, as mais apropriadas para a vinificação. São plantas exigentes quanto às condições de clima, preferindo o clima seco com baixa umidade relativa do ar e bastante insolação (EMBRAPA, 1986, p.8).

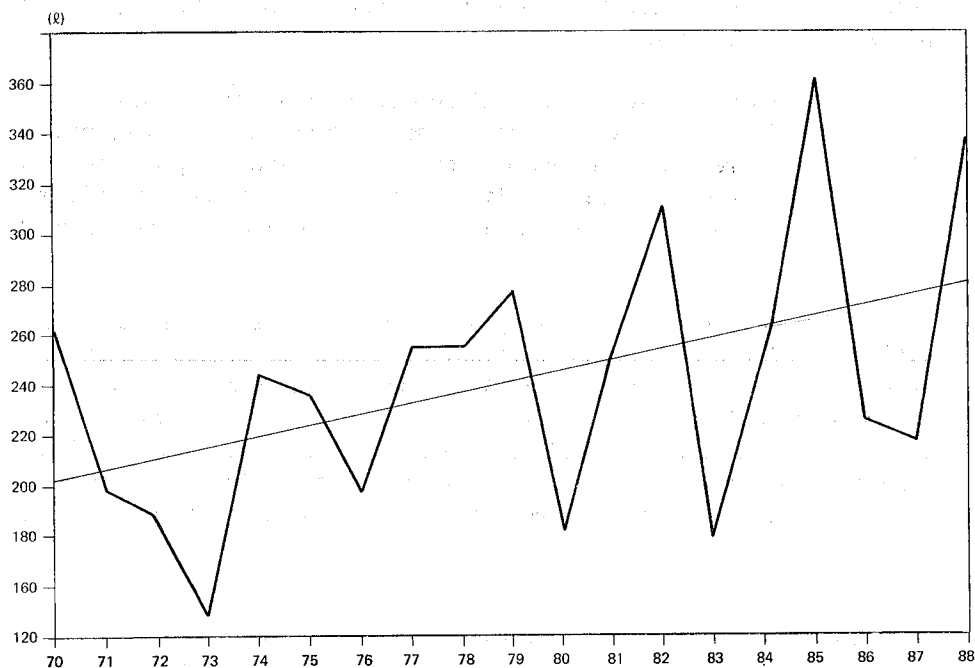
³ Raul H. Green é Investigador do Institut de la Recherche Agronomique de Paris. O texto citado foi apresentado no seminário O Sistema Agroalimentar Brasileiro nos Anos 90 – Desafios e Perspectivas, realizado em Curitiba, em agosto de 1989.

pela agregação de novos consumidores, motivados, sobretudo, pelos apelos de valores de símbolo e de prestígio desses novos vinhos; e a intensificação simultânea do processo de capitalização da indústria local, que, ao traduzir-se na elevação de seu padrão tecnológico, permitiu que essa se aliasse aos grupos internacionais na **estratégia de conquista de mercados onde era possível a realização de lucros elevados.**

O estudo que realizaremos a seguir, da composição da produção vinícola do Rio Grande do Sul entre 1970 e 1988, nos permitirá apreender as **ações** que viabilizaram essa estratégia. Em um primeiro momento, analisando o Gráfico 1, verificamos que a produção de vinhos no Rio Grande do Sul, no período estudado, se caracteriza por grandes oscilações que se devem, segundo analistas do setor, sobretudo a alterações climáticas, que, ao incidirem sobre a oferta da matéria-prima — a uva — condicionam a produção de vinho.

GRÁFICO 1

PRODUÇÃO DE VINHOS NO RIO GRANDE DO SUL — 1970-88



FORNE DOS DADOS BRUTOS: PRODUÇÃO COMERCÍAVEL — 1978/88 (1978/88). Ben-
to Gonçalves, UVIBRA.

As grandes oscilações acima referidas levaram-nos a calcular a taxa média de crescimento esperada da produção de vinhos, através dos dados ajustados linearmente por uma regressão simples.⁴ Essas taxas foram calculadas segundo a variedade (comum e varietal) e a cor (branco, rosado e tinto) para o período 1970-88.

A produção de vinho entre 1970-88 cresceu a uma taxa de 2,37% ao ano. No entanto, se considerarmos as diferentes variedades e cores do vinho, veremos que esse crescimento foi significativamente diferenciado. Residiu nesse aumento diferenciado a nova estratégia da indústria vinícola, que se traduziu concretamente em duas ações: na busca da elaboração de um vinho de maior qualidade; e no aumento da produção de vinhos brancos.

A **primeira ação** é evidenciada na Tabela 1, ao mostrar que a taxa de crescimento da produção de vinho de viníferas, entre 1970 e 1988, de 12,24% a.a. foi significativamente maior que a de 1,29% a.a. dos vinhos comuns. Esse crescimento não se deu pela substituição do consumo de vinho comum pelo varietal, mas sobretudo para atender a um mercado tradicional de vinhos finos, cuja demanda era suprida, preferencialmente, por produtos importados, e também àquele novo mercado que foi criado por estímulos publicitários — o consumo de vinho torna-se um sinal de "status".

A observação dos números-índice expressos na Tabela 1, por sua vez, permite verificar que foi a partir de 1974 que se consolidou o crescimento contínuo da produção de vinhos varietais. Desde então, os níveis dessa produção superaram sempre o do ano-base de 1970, ao contrário da produção de vinhos comuns, onde o nível de produção do ano-base foi superado apenas nos anos de supersafra da uva — 1982, 1985 e 1988.

A **segunda ação** fica explicitada na análise da produção de vinhos segundo as diferentes cores. No período 1978-87, temos que a **produção de vinho branco, seja comum, seja varietal**, apresentou significativas taxas de crescimento anuais (53,37% a.a. e 10,62% a.a. respectivamente), ao passo que a **produção de vinho tinto, tanto o comum como o varietal**, teve um movimento de descenso, com taxas de crescimento anuais negativas (1,62 a.a. e 0,30 a.a. respectivamente). A produção de vinho rosado apresentou também uma taxa de crescimento negativa para as duas variedades de vinho, sendo que a queda foi mais significativa para o vinho de viníferas.

⁴ Justifica-se esse procedimento, uma vez que ele amortece as oscilações cíclicas, permitindo-nos inferir mais adequadamente as novas tendências da indústria vinícola rio-grandense.

Tabela 1

Produção de vinhos, segundo a variedade e seus índices no
Rio Grande do Sul — 1970-88

DISCRIMINAÇÃO	VINHOS COMUNS		VINHOS DE VINÍFERAS OU VARIETAIS		TOTAL DE VINHOS	
	Produção (ℓ)	Índices	Produção (ℓ)	Índices	Produção (ℓ)	Índices
1970	217 208 604	100,00	23 899 346	100,00	241 107 950	100,00
1971	154 264 651	71,02	23 586 159	98,69	177 850 810	73,76
1972	146 953 297	67,66	21 078 771	88,20	168 032 068	69,69
1973	116 710 345	53,73	12 368 410	51,75	129 078 755	53,54
1974	193 875 345	89,26	31 644 124	132,41	225 519 469	93,53
1975	177 401 209	81,67	39 424 590	164,96	216 825 799	89,93
1976	144 565 438	66,56	34 500 590	144,36	179 066 028	74,27
1977	195 359 778	89,94	41 264 971	172,66	236 624 749	98,14
1978	200 053 669	92,10	36 750 933	153,77	236 804 602	98,22
1979	211 252 982	97,26	46 129 710	193,02	257 382 692	106,75
1980	130 308 185	59,99	31 740 663	132,81	162 048 848	67,21
1981	186 129 728	85,69	49 348 047	206,48	235 477 775	97,66
1982	234 754 564	108,08	57 453 581	240,40	292 208 145	121,19
1983	120 261 544	55,37	40 616 812	169,95	160 878 356	66,72
1984	177 680 331	81,80	48 289 279	202,05	225 969 610	93,72
1985	275 338 955	126,76	67 035 393	280,49	342 374 348	142,00
1986	157 711 522	72,61	48 559 180	203,18	206 270 702	85,55
1987	150 467 184	69,27	47 801 266	200,01	197 768 450	82,02
1988	244 791 058	112,70	76 560 765	320,35	321 351 823	133,28

FONTE DOS DADOS BRUTOS: PRODUÇÃO COMERCÍAVEL — 1978/88 (1978/88). Bento Gonçalves, UVIBRA.

NOTA: As taxas de crescimento médio linear anuais são para vinhos comuns 1,2%, para vinhos de viníferas ou varietais 12,18% e para o total de vinhos 2,37%.

Tabela 2

Produção de vinhos, segundo a variedade e a cor, no Rio Grande do Sul — 1978-87

DISCRIMINAÇÃO	VINHO COMUM			VINHO DE VINÍFERAS OU VARIETAL		
	Tinto	Branco	Rosado	Tinto	Branco	Rosado
1978	162 917 363	5 079 748	32 056 558	15 000 671	17 640 081	4 110 181
1979	154 736 439	7 146 395	49 370 148	14 356 453	25 271 132	6 046 125
1980	101 659 755	5 363 452	23 284 978	9 296 741	19 326 572	3 117 350
1981	134 156 175	12 547 739	39 425 814	16 036 963	27 528 276	5 782 808
1982	183 349 460	15 782 499	35 622 605	19 987 588	34 423 412	3 042 581
1983	87 080 528	12 191 896	20 989 120	14 340 514	24 164 361	2 111 937
1984	119 615 028	19 502 230	38 563 073	15 777 602	30 395 959	2 115 718
1985	217 538 960	23 010 666	35 961 959	19 347 979	44 679 484	3 007 930
1986	118 766 694	16 872 183	22 072 645	12 282 967	34 794 145	1 482 068
1987	97 841 160	27 497 857	25 128 167	10 920 073	35 432 544	948 649

FONTE DOS DADOS: PRODUÇÃO COMERCÍAVEL — 1978/87 (1978/87). Bento Gonçalves, UVIBRA.

NOTA: As taxas de crescimento médio linear anuais são para vinhos comuns tinto -1,62%, branco 53,37%, rosado -3,31% e para vinhos de viníferas ou varietais tinto -0,30%, branco 10,62% e rosado -8,55%.

As tendências de crescimento acima descritas redefinem a participação dos vinhos branco, rosado e tinto no total da produção de vinho (Tabela 3). O **vinho tinto comum**, que em 1978 representava 81,44% do total da produção de vinhos comuns, em 1987 passou para 65,02%. O **vinho branco comum**, que representava 2,54% do total em 1978, passou para 18,27% em 1987. A participação do **vinho comum rosado** manteve-se relativamente estável no período considerado. Em relação aos vinhos varietais, a participação do **vinho tinto** de 40,82% em 1978 caiu para 23,08% em 1987, e a do vinho rosado, de 11,18% para 2,01%. O **vinho branco**, cuja produção significava 48% do total em 1978, aumentou para 74,91% em 1987. Assim, temos que tanto o aumento da produção de vinho branco comum como o de varietal ocupavam os espaços da produção de vinho tinto.

Tabela 3

Participação percentual da produção de vinhos, segundo a cor, na produção por variedade, no Rio Grande do Sul — 1978-87

DISCRIMINAÇÃO	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987
Vinho comum										
Tinto	81,44	73,25	78,01	72,08	78,10	72,41	67,32	78,67	75,30	65,02
Branco	2,54	3,38	4,12	6,74	6,72	10,14	10,98	8,32	10,70	18,28
Rosado	16,02	23,37	17,87	21,18	15,18	17,45	21,70	13,01	14,00	16,70
Vinho de viníferas										
Tinto	40,82	31,12	29,29	32,50	34,78	35,31	32,67	28,86	25,30	23,08
Branco	48,00	55,77	60,89	55,78	59,92	59,49	62,95	66,65	71,65	74,91
Rosado	11,18	13,11	9,82	11,72	5,30	5,20	4,38	4,49	3,05	2,01

FONTE DOS DADOS BRUTOS: PRODUÇÃO COMERCIAL — 1978/87 (1978/87). Bento Gonçalves, UVIBRA.

Os fatores que explicam esse aumento significativo dos vinhos brancos são basicamente os seguintes:

- o vinho branco tem um papel importante na conquista de novos consumidores. Sabe-se que o consumidor habitual de vinho, não raro, fez parte inicialmente dos consumidores eventuais de vinho branco. Na medida em que é consumido gelado (o que neutraliza o sabor adstringente do vinho), e podendo ter sabor adocicado, permite uma adaptação progressiva do consumidor às características gustativas dessa bebida;
- a correção do vinho elaborado a partir de uvas brancas exige uma tecnologia menos complexa que a do vinho tinto;
- a produção do vinho branco é menos custosa, pois, ao contrário do vinho tinto, não precisa ser envelhecido antes de seu consumo, o que permite uma maior rotatividade e menor investimento nos estoques.

A análise dos dados vem, portanto, confirmar que a indústria vinícola, em seu objetivo de conquistar um mercado que permita lucros mais significativos, segue uma estratégia que tende a redefinir o perfil de sua produção. Para inferirmos se esse objetivo está sendo alcançado e se as novas tendências indicam para o futuro uma redefinição das características da produção vinícola, seria preciso complementar os dados de produção com um estudo sobre o valor agregado obtido na produção de vinhos varietais e comuns. Far-se-ia necessário, portanto, um estudo comparativo quanto à potencialidade de acumulação entre as indústrias que tendem a aumentar significativamente a sua produção de varietais, ou mesmo nessa se especializarem, e as demais indústrias. Os dados disponíveis no momento não permitem que a análise chegue a esse nível de detalhamento. Podemos, no entanto, fazer algumas inferências, a partir de informações já conhecidas sobre o grau e os movimentos de concentração da indústria vinícola e sobre o **preço médio** que ela obtém por litro.

A indústria vinícola, embora atomizada, caracteriza-se por um alto grau de concentração da produção,⁵ que é ainda mais significativo quando consideramos separadamente as produções de vinho comum e varietal. Em 1988, as cinco maiores empresas, que representavam 1,24%⁶ das processadoras de uva, concentraram 25,02% do total da produção. Ao considerarmos a produção segundo a variedade, temos que essas mesmas empresas concentraram 22,28% da produção de vinho comum e 42,69% de vinho de viníferas. Essa diferença segundo a variedade é explicada por dois fatores: a produção de varietais que, exigindo maior tecnologia, afasta os produtores menos capitalizados; e a estratégia desenvolvida pelas grandes empresas para proteger sua posição no mercado consumidor de vinhos varietais, onde há indícios que o valor agregado obtido é mais elevado.

Os indícios nos são fornecidos pelos dados sobre os preços médios por litro obtidos nos anos de 1986 e 1987. Esses revelam que as empresas cuja produção de vinhos varietais tem maior participação no total da produção também obtiveram o maior preço médio por litro. Em 1986, essa relação se dá de forma inequívoca: entre as três empresas cuja participação da produção de varietais é maior, o preço médio por litro também o é; em 1987, essa situação se repete em parte, pois uma das três empresas que obtiveram o maior preço médio não está entre aquelas cuja participação da

⁵ Em 1988, segundo o relatório anual **Produção Comerciável -- 1988**, da União Brasileira de Vitivinicultura (UVIBRA), existiam 394 estabelecimentos produtores de vinho: 200 industriais, 26 cooperativas e 168 cantinas rurais. Não está incluída a Companhia de Financiamento da Produção (CFP).

⁶ Dados organizados a partir do relatório anual **Produção Comerciável -- 1988** (1988), da UVIBRA.

produção de vinho varietal é mais significativa. Salientamos, no entanto, que essa empresa também tem uma expressiva produção de varietal.

Considerando-se que somente as indústrias mais capitalizadas conseguem investir na produção de variedades e que há indícios de que a produção desses vinhos leva à realização de um maior valor agregado, potencializando a acumulação das indústrias que dirigem seus esforços para a sua produção, podemos levantar a hipótese de que a atual redefinição do perfil da oferta provocará mudanças na estrutura da indústria vinícola do Rio Grande do Sul. Essas modificações, que novamente salientamos, estão inseridas em um movimento mais amplo da estratégia das indústrias agroalimentares a nível internacional e incidirão sobre a estrutura produtiva do setor vinícola, assim como sobre a atual hierarquia das principais indústrias processadoras do vinho.

2 — O cultivo da uva em transformação

O exposto até aqui indica-nos a forma que está tomando o desenvolvimento das forças produtivas na indústria de vinhos. Em que medida estará esse progresso sendo assimilado pelo setor produtivo de uvas, e que contornos assume essa assimilação?

Partimos do pressuposto de que o processo em curso no setor vinícola, conforme foi acima caracterizado, provoca mudanças nas relações entre esse setor e o da produção agrícola. Essas relações deixam de ser as tradicionais relações comerciais, porque a indústria processadora, ao redefinir o perfil de sua demanda de matérias-primas, induz a transformações no próprio processo produtivo da uva. Essa mudança na relação entre os dois setores, balizada pelo grau de desenvolvimento agroindustrial da região, pode, ou não, se caracterizar pela transformação completa da pequena produção tradicional em uma agricultura baseada em novos processos técnicos, novas formas de utilização da mão-de-obra e, conseqüentemente, com investimentos monetários compatíveis.

Infelizmente, contamos com muito poucas informações estatísticas que sejam reveladoras desses aspectos para o caso da produção de uvas. Podemos chegar a uma primeira indicação de transformação agrícola pela análise dos dados do IBGE sobre área, produção e rendimento médio da uva no Rio Grande do Sul. Observando-se essas três séries de informações para o período 1978-88 (Tabela 4), imediatamente chama atenção a constância da área plantada, que se mantém, ao longo do período, em torno de 40.000 hectares. Já a produção tem oscilações acentuadas, e o rendimento, mostrando-se pouco correlacionado com a área, revela-se tendencialmente crescente. Se, por um lado, as oscilações da produção nos levam a pensar em

prováveis razões de ordem climática, uma vez que a área se mantém, por outro, o rendimento nos atuais níveis está a nos indicar que esses agricultores não se encontram a mercê do rendimento natural dos solos, mas que exercem sobre eles certo grau de controle, em função de estarem absorvendo progresso técnico. Efetivamente, os dados fornecidos pelo IBGE sobre a utilização de fertilizantes mostram que na Microrregião Viniculadora de Caxias do Sul, a maior produtora de uva no Brasil, em 1970 os adubos químicos eram usados por 30% dos estabelecimentos e, no ano de 1980, por cerca de 80%. Esse é um indício do desenvolvimento desses produtores, embora o rendimento da uva por hectare esteja muito aquém do obtido nas maiores regiões produtoras a nível mundial. Só para fazermos uma comparação, enquanto o rendimento obtido pelo viticultor gaúcho está em torno de 13,6t por hectare (Tabela 4), na Argentina é de 40t por hectare (Matzenbacher, 1989), ainda que não se devam desconsiderar as condições edafoclimáticas bastante diferenciadas entre essas duas zonas produtoras.

Tabela 4

Área colhida, produção e rendimento médio da uva e seus índices de crescimento
no Rio Grande do Sul — 1978-88

ANOS	ÁREA PLANTADA		PRODUÇÃO		RENDIMENTO MÉDIO	
	Hectares	Índices (1)	Toneladas	Índices (1)	Toneladas por Hectare	Índices (1)
1978	41 300	100,00	451 300	100,00	10,93	100,00
1979	41 250	99,88	462 600	102,50	11,21	102,63
1980	38 264	92,65	220 761	48,92	5,77	52,80
1981	38 479	93,17	415 585	92,09	10,80	98,84
1982	38 702	93,71	429 944	95,27	11,11	101,66
1983	39 646	96,00	347 495	77,00	8,76	80,21
1984	38 631	93,54	390 245	86,47	10,10	92,45
1985	39 207	94,93	502 326	111,31	12,81	117,25
1986	40 213	97,37	395 125	87,55	9,83	89,92
1987	39 852	96,49	351 380	77,86	8,82	80,69
1988	39 839	96,46	541 766	120,05	13,60	124,45

FONTE DOS DADOS BRUTOS: IBGE.

(1) Os índices têm como base 1978=100.

Para fazermos uma análise mais acurada sobre a questão que nos interessa, ou seja, saber se o pequeno produtor de uvas está ou não transformando sua maneira de produzir e, portanto, se está ou não absorvendo progresso técnico, basear-nos-emos em pesquisa feita pela EMBRAPA através do Centro Nacional de Pesquisa de Uva e Vinho (situado em Bento Gonçalves), que busca mostrar o atual perfil sócio-econômico e tecnológico

dos produtores gaúchos de uva.⁷ A pesquisa incide sobre dois municípios, Bento Gonçalves e Flores da Cunha, considerados pela EMBRAPA como os mais representativos "(...) no que tange à disponibilidade e uso de recursos, relações sociais de produção, indicadores sociais e, principalmente, tecnologias adotadas na produção de uvas" (Freire, 1987, p.14). Para nossas reflexões, selecionaremos algumas dessas informações.

Primeiramente, se atentarmos para a composição do Valor Bruto da Produção dos agricultores desses dois municípios, para o ano agrícola em que a pesquisa foi realizada, isto é, 1984-85, veremos que só a uva perfazia cerca de 80% (média por produtor) do conjunto das atividades do produtor agrícola de Bento Gonçalves e que essa mesma participação ficou em torno de 46% no caso de Flores da Cunha. Isso está a indicar uma maior especialização no cultivo da uva em Bento Gonçalves. E, se analisarmos também a produção de vinho feita pelo próprio agricultor, veremos que, enquanto em Bento Gonçalves ela se encontrava muito reduzida, constituindo somente 1,3%, em média, do Valor Bruto da Produção do produtor, em Flores da Cunha a participação da produção de vinho "dos colonos" era de quase 30%, em média, do valor de tudo que cada um deles produziu. Convém lembrarmos que os dois municípios fazem parte de uma região na qual o cultivo da uva, por razões culturais e econômicas, se tornou o preferencial. Mas o que os dados acima sugerem é uma especialização do agricultor de Bento Gonçalves enquanto produtor de matérias-primas. Isso ocorre justamente onde está concentrada a maior produção brasileira de vinhos industriais e, portanto, onde se constata nitidamente o desaparecimento das cantinas artesanais — presentes há mais de um século na economia gaúcha —, definitivamente substituídas por estruturas produtivas de moldes industriais.

Poderemos qualificar melhor essa especialização se acrescentarmos aos dados referidos outros sobre a receita em dinheiro obtida pelo produtor (sempre para o ano agrícola 1984-85). Veremos que, em Bento Gonçalves, só a uva foi responsável por 92% (média por produtor) de sua renda agrícola, o que mostra a alta dependência que esse agricultor tem de um único produto comercial; os restantes 8% provieram, nessa ocasião, das demais atividades — produção de vinho, culturas anuais, produção animal, etc. Já, em Flores da Cunha, a especialização mostrou-se relati-

⁷ Além das informações publicadas pela EMBRAPA, que estão referidas na bibliografia consultada, utilizamos, também, alguns resultados não publicados da pesquisa, relativos ao ano agrícola de julho de 1984 a junho de 1985, obtidos por nós junto ao Centro Nacional de Pesquisa de Uva e Vinho. Na impossibilidade de fazermos uma análise temporal para toda a região viticultrice, deter-nos-emos na análise comparativa de dois municípios viticultores com algumas características diferenciadas entre si no que tange ao processo produtivo.

zada: 44% da renda do produtor provinha da produção de uvas, 40%, da fabricação de vinhos, e, 16%, da renda de outros produtos agropecuários. Portanto, ainda que em Flores da Cunha seja alta a participação relativa da vitivinicultura na receita do agricultor, é em Bento Gonçalves que o agricultor está melhor caracterizado como um produtor de matérias-primas.

Mas estaria essa especialização ocorrendo dentro dos parâmetros do aperfeiçoamento da produção de uvas?

Valendo-nos, ainda, das informações da EMBRAPA, começaremos pela observação de dados agregados para os dois municípios pesquisados quanto à composição dos parreirais; veremos que cada produtor cultivou, em média, 3,7ha de videiras, sendo 2,5ha de americanas e híbridas e 1,2ha de viníferas (EMBRAPA, 1988). Ora, a adoção de viníferas indica uma mudança na atitude desses agricultores, pois é sabida a preferência histórica do viticultor gaúcho por cultivares rústicos, e configura um aperfeiçoamento na qualidade do produto. Agora, se desagregarmos esses dados ao nível de cada um dos municípios pesquisados, a fim de situarmos melhor essa mudança na composição dos parreirais desses agricultores, observaremos que, em Flores da Cunha, a participação relativa da área com viníferas era inferior a 1% do total da área com videiras; enquanto, em Bento Gonçalves, essa participação era de 56%. Portanto, a mudança qualitativa está localizada em determinada área geográfica, precisamente na que concentra a agroindústria voltada à produção de vinhos varietais. A importância que vem adquirindo a demanda das indústrias vinícolas por uvas de viníferas pode ser constatada pelos dados da UVIBRA: a aquisição industrial de viníferas, que em 1987 representou 35% do total adquirido de uvas vinificáveis, passou a representar 50% desse total em 1988.

O aperfeiçoamento da produção, que no caso vem a ser a adoção de viníferas, pressupõe a assimilação, pelo produtor, de meios de produção compatíveis. Assim, um dos indicadores fornecidos pela EMBRAPA para os dois municípios em estudo é sobre o uso de adubos: 90% desses viticultores usam adubação química ou orgânica. Mas, em Bento Gonçalves, a despesa média (em dinheiro) com **insumos** por produtor era 55% superior à registrada em Flores da Cunha, provavelmente devido ao uso de fungicidas nas viníferas. Voltando às estatísticas fornecidas pelo IBGE, temos outro indicador: se compararmos os dados dos dois últimos Censos Agropecuários do Rio Grande do Sul, isto é, o de 1975 e o de 1980, sobre o número de veículos à tração animal e veículos à tração mecânica para a microrregião que concentra os produtores de uvas, veremos que o número de veículos à tração animal diminuiu 6% em 1980, em relação ao ano de 1975, enquanto o número de veículos à tração mecânica aumentou 113%. Logo, o viticultor está se modernizando.

A seguir, deter-nos-emos nas relações de produção dessa agricultura. O fato que chama imediatamente atenção é o da mão-de-obra familiar

ser preponderante, tanto em Flores da Cunha, onde a produção ainda guarda certas características tradicionais, quanto em Bento Gonçalves, onde é nítido o aperfeiçoamento da produção, e, nesse caso, o fato contraria o enunciado teórico de que o desenvolvimento agrícola ocorre com base no trabalho assalariado. A mão-de-obra contratada em Bento Gonçalves está na proporção de um dia/homem/ano para 6,5 dias/homem/ano de mão-de-obra familiar; em Flores da Cunha, essa mesma proporção é de um para 7,9 dias/homem/ano. Portanto, o trabalho pago é um pouco mais expressivo em Bento Gonçalves. Considerando-se que nesse município tem aumentado a área plantada com viníferas e sabedores de que essas exigem mais cuidados e um número maior de tratamentos do que as americanas e híbridas e, ainda, que os dados não mostram uma intensificação no uso da mão-de-obra contratada como seria de se esperar, somos inclinados a achar que é o uso da mão-de-obra familiar que está sendo intensificado.

Ainda que não tenhamos feito uma análise com toda a gama de indicadores que seria necessária (estrutura fundiária, procedimentos técnicos, etc.) para chegarmos a resultados mais conclusivos sobre as transformações que caracterizam o setor produtor de uvas, os dados aqui analisados indicam que os viticultores estão mudando a forma de produzir.

A indústria vinícola rio-grandense passa por um processo de transformação que provavelmente repercutirá na sua estrutura produtiva e na hierarquia das suas principais empresas. Essa transformação, que se expressa na redefinição do perfil da oferta, objetiva a conquista de um mercado onde seja possível a realização de uma mercadoria com valor agregado mais elevado. A viabilidade desse processo foi dada, de um lado, pela existência de um mercado interno economicamente apto ao consumo de vinhos de maior qualidade e pela presença de um setor empresarial regional capaz de absorver as mudanças tecnológicas necessárias para a reorganização da produção vinícola. Por outro, esse processo também só foi possível pelas transformações ocorridas no setor agrícola a partir da mudança na composição dos parreirais, configurada na adoção de videiras de viníferas, o que exigiu do vinicultor a absorção de inovações tecnológicas. A tradicional agricultura da região, ao reformular-se em seus aspectos técnicos, também aprofunda seu nível de especialização, no entanto continua baseando-se fundamentalmente na mão-de-obra familiar, que, na nova relação estabelecida com a indústria, tem seu uso intensificado. Caberia indagarmos, assim, se as inovações tecnológicas, aliadas à intensificação da exploração da mão-de-obra familiar, não seriam a especificidade da relação agroindústria/pequeno agricultor no atual processo de mudanças que ocorre no setor vitivinicultor.

Bibliografia

- CENSO AGROPECUÁRIO 1975: Rio Grande do Sul (1979). Rio de Janeiro, IBGE.
- CENSO AGROPECUÁRIO 1980: Rio Grande do Sul (1984). Rio de Janeiro, IBGE.
- DADOS cadastrais da vinicultura do Rio Grande do Sul - 1977 (1988). Bento Gonçalves, EMBRAPA-CNPV.
- EMBRAPA (1986). **O cultivo da videira: informações básicas**. Bento Gonçalves, EMBRAPA-CNPV. (Circular técnica, 10).
- EMBRAPA (1988). Vitivinicultura no Brasil. Bento Gonçalves, EMBRAPA-CNPV.
- FREIRE, L. M. de M. et alii (1987). **Perfil sócio-econômico e tecnológico das propriedades vitícolas dos municípios de Bento Gonçalves e Flores da Cunha - RS**. Bento Gonçalves, EMBRAPA-CNPV.
- GREEN, Raul H. (1989). **La evolución de la economía internacional y la estrategia de las multinacionales alimentares**. Curitiba. (Trabalho do Seminário O Sistema Agroalimentar Brasileiro nos Anos 90 - Desafios e Perspectivas).
- LANZER, Edgar Augusto et alii (1988). **Perspectivas do mercado de uvas vinificadas e escolha de cultivares de videira no Rio Grande do Sul**. Bento Gonçalves, EMBRAPA-CNPV.
- LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA (1988). Rio de Janeiro, IBGE. (Cópia xerox).
- MATZENBACHER, Luiz Oscar (1989). Enquanto o argentino não vem. **Zero Hora**, Porto Alegre, RBS, 10 jul. p.6 e 7.
- PRODUÇÃO AGRÍCOLA MUNICIPAL (1978/87). Rio de Janeiro, IBGE.
- PRODUÇÃO COMERCIÁVEL - 1978/88 (1978/88). Bento Gonçalves, UVIBRA. (Cópia xerox).